

PERSONALIDADE: IDENTIDADE NAS COMUNIDADES AFRO-BAIANAS

Edmundo Leal de Freitas

*Obirin lé owo Inã
Oyá Mobà oju oré.
Ki nin.*

O presente estudo pretende conotar, excluídos aspectos comparativos formais ou propostas de correlação, alguns conceitos pertencentes aos campos da psicologia e da religião nagô. Mais particularmente, pretende referir conceitos explícitos na psicologia da personalidade e outros que se podem inferir na observação empírica ou reconhecer na literatura específica, caso rigorosamente confiável. Pretende-se não misturar espaços. Percorrem-se, aqui, alguns, pertencentes a autores consagrados, quer na área da psicologia da personalidade, quer na da antropologia cultural, todos devidamente chancelados no âmbito da Universidade. Dada a peculiaridade do tema, algumas normas e recomendações relativas à elaboração de trabalhos científicos serão desatendidas vez por outra.

Introdução

– Meu nome é Maria da Silva da parte de lá, Oyá Ladè da parte de cá.

– Religião? Qual? A minha é a mesma a sua: Católica Apostólica Romana. Candomblé, moça, é carrego de sangue.

De uma, e uma outra ebomin.

Conforme enfatiza Lèpine, “a expansão dos cultos afro-brasileiros constitui um fenômeno notável no nosso tempo”.¹ Destaca o “tradicional Candomblé jeje-nagô da Bahia”, cujas características “obedecem a feições próprias”. Entre estas feições, embora dela compartilhem outras comunidades afro-baianas (angola, congo, ijexá), aflora uma concepção peculiar de identidade. Que se pretende descrever neste trabalho.

¹ “Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô”, em: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (coord.), *Olódorísá; escritos sobre a religião dos orixás*, São Paulo, Agora, 1981.

Os conceitos de personalidade e identidade aqui enfocados são aqueles apresentados nas propostas teóricas de Allport,² Freud³ e Jung,⁴ quando referidos à psicologia acadêmica. No tocante ao Candomblé, adotar-se-ão conceitos emitidos por autores reconhecidamente confiáveis, que serão nomeados à medida que se exponham os seus pontos de vista. Esses, estarão em consonância com os fundamentos do Candomblé nagô,⁵ de dialeto iorubá, ramo *kwa*,⁶ da família de línguas nígero-congolesas, tal como o falado na cidade da Bahia.

Em ambas as concepções, seja na psicológica, seja na afro-baiana, desconsidera-se a “alma” como conceito religioso ou filosófico.⁷

Identidade: o unívoco

É próprio do homem instruído buscar em cada categoria de coisas o grau de precisão que a natureza do tema permite.

Aristóteles⁸

No âmbito da psicologia formal, os conceitos de pessoa e identidade se imbricam de modo a torná-los indivisíveis. As tentativas de definí-los com maior exatidão resultam em abordar aspectos parciais e fragmentários como no modelo matemático de Yela⁹ ou de outros,

² Gordon Willard Allport (1897-1967) – Psicólogo; desenvolveu pesquisas e trabalhos teóricos. Na sua obra, extensa, reúne conceitos que resultaram na Psicologia da Individualidade.

³ Sigmund Freud (1856-1939) – Médico neurologista. Revelou os achados das suas pesquisas clínicas e orientou a ordenação dos princípios que resultaram na Psicanálise. Esta, atualmente, além de método terapêutico constitui a teoria operacional da personalidade mais largamente utilizada, seja no âmbito acadêmico específico, seja entre leigos.

⁴ Carl Gustav Jung (1875-1961) – Médico psiquiatra. Discípulo de Pierre Janet, em 1907 ingressou no círculo íntimo de Freud. Acabou por divergir e desentender-se com a Psicanálise, fundando a escola de Psicologia Analítica onde se desenvolveram conceitos como os de arquétipos, inconsciente coletivo e se defendeu a natureza essencialmente religiosa do homem.

⁵ Adota-se aqui a designação nagô, isolada, embora saiba-se da contribuição significativa e indissociável na elaboração do modelo estrutural desse candomblé prestada pelos fon, genericamente conhecidos como jeje.

⁶ Cf. J. Dubois et alii, *Dicionário de Psicolinguística*, São Paulo, Cultrix, 1978; e Yeda Pessoa de Castro, *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia*, Salvador, Centro de Estudos Baianos da UFBA, n. 89, 1980.

⁷ Cf. H. Japiassu e D. Damasceno, *Dicionário básico de filosofia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

⁸ Apud Gordon Willard Allport, *Psicologia de la Personalidad*, tradução castelhana de Miguel Murmis, 2ª ed., Buenos Aires, Paidós, 1965.

⁹ *L'analyse factorielle et ses applications*, Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1955; e “Modelos factoriales de la personalidad”, em: Daniel Lagache et alii, *Los modelos de la personalidad*, Buenos Aires, Nueva Vision, 1978.

igualmente sofisticados porém parciais, como os de Thurstone,¹⁰ Spearman¹¹ e Guilford,¹² entre vários.

Personalidade e identidade se confundem em sua univocidade. Conseqüentemente, definí-los implica em considerar o homem holístico – biológico, psicológico e social – nas suas interações e inter-relações seja consigo mesmo, seja com os mediadores do ecossistema e do etossistema. Implica reconhecer personalidade e individualidade como o faz Prince: “conjunto de todas as disposições, impulsos, tendências ou apetites biológicos ‘inatos’¹³ do indivíduo, assim como as disposições e tendências adquiridas pela experiência”.¹⁴

Ao inato se pode denominar também equipamento básico ou equipamento de base – constituído pelo corpo (organismo); temperamento (inclinações de natureza emocional) e inteligência (potencial cognitivo) – e ao “modificado”, equipamento adquirido ou investimento – aquele constituinte também conhecido como caráter e representado pelas transformações produzidas no equipamento de base, através das suas relações com o meio ambiente.¹⁵

Cumprе assinalar que a designação, muitas vezes inversa, dos conceitos de caráter e temperamento tem dificultado a compreensão destas estruturas e das suas atividades. Conforme enfatiza Nuttin, “é aconselhável reservar o termo temperamento ao componente fisiológico e em grande parte estável, hereditário, dos traços afetivo-dinâmicos”, e “o termo caráter designa, inicialmente, esses mesmos traços, tal como aparecem no fenótipo (ou seja no indivíduo) e a seguir tal como se constrói, progressivamente, sob a influência conjugada dos fatores hereditários e da experiência pessoal e do meio”.¹⁶

Allport sanciona de modo definitivo a individualidade e a univocidade: “Personalidade é a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofisiológicos que determinam seus ajustes únicos ao ambiente”.¹⁷

Além dos dinamismos permanentes que regem os processos de desenvolvimento, a psicologia da individualidade busca na gênese

¹⁰ *Multiple factor analysis*, Chicago, Chicago University Press, 1947.

¹¹ *Human ability*, London, Mac Millan, 1950.

¹² *Personality*, New York, McGraw-Hill, 1959.

¹³ “Inato” = integralização da herança genética e das aquisições verificadas no período de vida intra-uterina. Inato = genético, aquisições intra-uterinas = congênito.

¹⁴ *The unconscious*, 2ª ed., New York, Mac Millan, 1924.

¹⁵ I.W. Bonow, *Elementos de psicologia*, 6ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1954; J. Ajuriaguerra, *Neuropsicologia do desenvolvimento*, Congresso Brasileiro de Neuropsiquiatria Infantil, 5, Salvador, ABENEPI, 1979.

¹⁶ J. Nuttin, *A estrutura da personalidade*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

¹⁷ Op. cit.

dos comportamentos pessoais sistemas motivacionais autônomos, determinados no tempo presente, e capazes de, junto aos traços da personalidade, compor as respostas aos estímulos ambientais. Agrega à pessoa conceitos tais como *proprium* (conjunto formado pelo eu, ego e estilo de vida) e esforço apropriado (*propriate striving*, comportamento motivado) que determina a ação e o impulso de cada um. A teoria de Allport em consonância com a fenomenológica e a existencialista, vem liderando a constituição da chamada Terceira Força, a “humanística”, paralelamente às vertentes comportamental e psicanalítica na psicologia.

De sua parte, Freud,¹⁸ ao construir a Psicanálise, introduziu o conceito de aparelho psíquico, estrutura subjacente, regida por três níveis de consciência – consciente, pré-consciente e inconsciente – e administrada por três instâncias de julgamento: id, ego e super-ego. Dessas estruturas e do seu funcionamento decorre a teoria dinâmica da personalidade, onde se postula a existência de energias psíquicas (libidinal, tanática e neutra) que determinam pulsões e induzem ao processo econômico do qual dependem as possibilidades adaptativas.

Com vistas aos conceitos psicanalíticos, o caráter (modificações introduzidas no equipamento de base) estaria na dependência da justa oscilação das energias psíquicas, e a adequação emocional das pessoas, além de elementos genéticos favoráveis, estaria condicionada a desenvolvimento adequado e ao nível de equilíbrio na inter-relação e na estruturação adaptada das instâncias de julgamento do aparelho psíquico.

Jung,¹⁹ na elaboração da Psicologia Analítica, além do consciente, cujo núcleo é o ego, declina a existência do inconsciente individual (conjunto de elementos reprimidos durante a história de vida) e o inconsciente coletivo onde a estrutura fundamental são os arquétipos. Além disso, a identidade resulta, *sine qua non*, da individuação, processo pelo qual uma pessoa se torna um indivíduo, uma entidade separada, um todo. De modo mais simples, o processo pelo qual a pessoa se torna, realmente, o que ela é, a personalidade total, integrada.

Afastou-se, como entendia necessário, da teoria psicanalítica freudiana, enfatizando principalmente a compreensão como o mais operacional dos seus conceitos, deixando ao lado os processos explicativos, descritivos ou perquiritivos no sentido restrito.

É na teoria da personalidade de Jung, também denominada teoria dos arquétipos, que se podem encontrar explicitamente os

¹⁸ Cf. A. Burton, *Teorias operacionais da personalidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1978.

¹⁹ Cf. F. Fordham, *Introducción a la psicología de Jung*, Madrid, Morata, 1970.

aspectos valorativos da religiosidade humana, seja nas suas formas de expressão orientais ou ocidentais, seja, inclusive, alquímicas.²⁰

Provavelmente a partir da Psicologia Analítica será possível estabelecer, inicialmente, pontos de aproximação mais favoráveis ao entendimento dos conceitos nagô de identidade. Foge porém ao escopo deste trabalho fazê-lo, reservando-se ao futuro eventuais propostas de correlação entre estes e aqueles sistemas, assim como possíveis estudos comparativos formais, conforme já declinado no início deste texto.

Cumprе resumir: ao modelo teórico de estrutura da personalidade, composto pelos seus institutos fundamentais,²¹ foram descritos adicionalmente o *proprium* e o comportamento motivado, desenvolveu-se a formulação do aparelho psíquico e do seu funcionamento dinâmico, além dos quais se agregaram à personalidade o inconsciente coletivo e os seus arquétipos, somada a postulação da religiosidade como tendência natural do ser humano, representando as contribuições da Psicologia Humanística, da Psicanálise e da Psicologia Analítica, respectivamente.

Identidade: o duplo

Conversa de sotaque – Coisas erradas que se dizem aos impertinentes quando indevidamente²² querem saber as coisas, os preceitos do candomblé.

Vasconcelos Maia, *ABC do candomblé*.

... aprendi a exercitar fórmulas delicadas, cuidadosamente utilizadas, para não falar das coisas proibidas.

Júlio Braga

O conceito de personalidade nas comunidades afro-baianas de origem nagô se afasta significativamente daqueles adotados pela psicologia científica. Inclusive quando esta admite a pertinência de elementos místicos e míticos como o faz na doutrina de Jung.

²⁰ C.G. Jung, *Collected works*, Londres, Routledge & Keegan Paul, vols. 11 (1958), 12 (1944), 13 (1967), 14 (1967) e 15 (1963).

²¹ O corpo, a mente (cognitiva), a psique (emocional), compreendidos aí, respectivamente, a inteligência e o temperamento, aos quais se agrega pela interação do meio ambiente físico e social, o caráter.

²² O autor do glossário utilizou o verbete “curiosamente” em vez de “indevidamente”. Este foi adotado aqui face à sua maior contundência. O significado pretendido é o de curiosidade impertinente (*afojundi* = “abelhudo”, introneto).

Em decorrência, as metodologias e os sistemas positivistas não se adequam à pesquisa e ao entendimento da cultura nagô. Constitui viés irrecorrível e receita infalível de insucesso a tentativa de adotar a visão eurocêntrica e judaico-cristã no entendimento da cultura afro-baiana.

Potencializa esse viés a ingenuidade, alimentada pelo convívio cotidiano com a cultura negra, e a falsa percepção histórica de que as etnias brancas, negras e indígenas se caldearam pacificamente. A isso adicionou-se outro viés, também antigo – a suposição de que os brancos detêm a hegemonia cultural e social como se depreende, por exemplo, em Nina Rodrigues: “... muitos atos anti-jurídicos dos representantes das raças inferiores, negra e vermelha, os quais, contrários à ordem social estabelecida no país pelos brancos, são, todavia, perfeitamente lícitos, morais e jurídicos, considerados do ponto de vista a que pertencem os que os praticam”.²³

Toda e qualquer pesquisa relativa à identidade no culto nagô é circundada por três dificuldades básicas: a transmissão oral do conhecimento; o culto do segredo; e a inadequação do referencial utilizado.²⁴

Dessas três dificuldades infere-se que se está à mercê do que se queira dizer, do que se queira omitir ou mentir e do que se deva aceitar como referencial, excluídos formalmente a psicanálise e a psicopatologia, seja como sinônimos, seja como antônimos. A única atitude plausível parece ser a da compreensão e a da obediência às posturas das comunidades, o respeito e a gratidão àqueles que nos acolhem. A partir daí, o Tempo, ele também divinizado, Iroco, será um dos maiores colaboradores pelo conhecimento que se possa auferir.

O entendimento dos conceitos de personalidade e de identidade na cultura nagô remete a preceitos míticos, místicos e antropológicos.

Os modos de procurar e de entender devem excluir quase tudo o que é recomendado nas normas habituais de pesquisa, reducionistas, objetivando a hierarquização de valores “dentro de padrões cartesianos e positivistas”.²⁵ Na cultura dos *egbé*,²⁶ o conhecimento flui através dos processos de integração homem/natureza: a palavra falada, o gesto, o movimento, a dança, a cantiga, o ritmo, a cor, a

²³ *Os africanos no Brasil*, 4ª ed., Rio de Janeiro, INL / São Paulo, Nacional, 1976.

²⁴ Como assinala Monique Augras: “... o ‘estado de santo’ era avaliado em função de um referencial situado nitidamente fora dos valores da cultura em estudo” (*O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô*, Petrópolis, Vozes, 1983). É como dizer: “adotar um sistema de unidades inadequado ao objeto que se deseja mensurar como, por exemplo, medir a largura de uma janela em litros”. (N. do A.)

²⁵ Marco Aurélio Luz, “Arkhé e Axexé; linguagem e identidade”, em: *Cultura negra em tempos pós-modernos*, Salvador, Edições SECNEB, 1992.

²⁶ Comunidade-terreiro, responsável pela concentração do saber e do poder nas comunidades nagô.

plasticidade formal e a emblemática, a comida, o tato e as texturas. Os apelos. As conjunções de todos os sentidos.

O universo nagô é ambivalente. Nele, profano e sagrado se conjugam. O *òrum* e o *àiyé* se alternam ou se misturam a depender da circunstância: o *àiyé* onde se situa a matéria, o mundo físico, e o *orum*, o mundo sobrenatural.

A separação formal entre sagrado e profano, entre mundo sobrenatural e real, entre o além e a terra, determinada como castigo,²⁷ foi de certa forma reparada por Olorum que preencheu o espaço com seu hálito, criando a atmosfera.

No mundo dos deuses habitam os orixá, mas tudo que existe na terra existe igualmente no além, servindo as celebrações como ponte de ligação entre os mundos, mantendo e ampliando a comunicação, assegurando a passagem das informações e das trocas, “fazendo renascer o saber religioso a cada rito”,²⁸ condensando e distribuindo a energia sagrada – axé – a todos os seres.

Todas as pessoas têm origem divina, filhas de um pai (*Baba mi*) ou de uma mãe (*Iyà mi*) cada um deles (*Eledá*) criador do indivíduo e por isso dono da sua cabeça (*olori*) – cada pessoa é o seu duplo – aquela pessoa e o seu *eledá*. A substância de que a cabeça é moldada (*ipori*) é, sempre, de origem divina e ancestral, o que permitirá a coexistência permanente do sobrenatural.

As pessoas são compostas de um corpo, que nos primórdios se originou no barro, a morte representando o resgate daquela parte que a lama quer de volta, aquela parte que lhe tomaram emprestada. Ao corpo acrescenta-se o sopro divino (*emi*) e a cabeça concreta (*ori-inu*) onde se mesclam os elementos sobrenaturais (*òrum*, *ori-òrum*) e os materiais, profanos (*àiyé*, *ori-àiyé*), os quais, em permanente processo de intercâmbio se realimentam e se equilibram: “*òrum* e *àiyé* nutrem-se um do outro”.²⁹

Cada ser vivencia diversos níveis de existência. No mundo do além e no mundo do aqui. Vivencia o mundo do além no arcaico, onde Olorum (*Olu* = senhor, do *òrum* = sobrenatural) é o deus supremo e vive circundado por outras divindades pouco referidas e diversos orixá, geralmente reconhecíveis em torno de um valor da ordem de dezesseis principais ou gerais.³⁰

²⁷ Segundo o mito, Oxalá separou a terra do mundo dos deuses como castigo à desobediência de uma proibição que fizera (cf. J.E. dos Santos, *Os nagô e a morte*, Petropolis, Vozes, 1976).

²⁸ Marco Aurélio Luz, loc. cit.

²⁹ Lèpine, op. cit.

³⁰ Lèpine, “Análise formal do panteão nagô”, em: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (coord.), *Bandeira de Alairá; outros escritos sobre a religião dos orixás*, São Paulo, Nobel, 1982; e Augras, op. cit.

Cada ser vivencia o mundo do além no atual quando o deus que preside à modelagem das cabeças (*Ajalà*) o cria, coadjuvado por um de seus dezesseis *odu* (auxiliares) perfazendo o *ori* (cabeça) escolhido e o *odu* (destino).

No momento de nascer cada qual sabe tudo a seu respeito, porém terá que esquecer e para re-novar o conhecimento de quem e como é, deverá recorrer ao oráculo (Ifá). Somente esse, agora, é capaz de dizer do *eledá*.³¹

Cada vivente transporta como condição primordial o seu orixá. O seu. Específico, pessoal, inequívoco, que sendo unívoco naquele duplo, não obstante faz parte de um gênero, de uma característica comum aos orixás daquela categoria, e por isso, imprimirá os traços psicológicos essenciais àquela divindade, permitindo o seu reconhecimento na pessoa e a sua definição por parte dos iniciados.³²

É postulado a quem deseje viver correta e coerentemente que saiba quem realmente é, qual a essência do seu duplo, qual a sua natureza profunda, quais as suas verdadeiras afinidades e idiosincrasias, para que possa redefinir-se, para que não venha a viver uma vida miserável, ou a enlouquecer, ou até mesmo a suicidar-se. É a partir da revelação do *odu* que se evidenciam “certos aspectos da sua vida os traços do seu ‘caráter’ e as normas de comportamento que devem orientar a sua existência”.³³ De outra parte, revelar a alguém o *odu* “implica em correr riscos e se expor a perigos” ... porque, saber “sobre o *odu* é penetrar na intimidade e conhecer a alma profunda”.³⁴

A consulta ao oráculo, Ifá, é a forma perfeita e definitiva de conhecer-se a si mesmo, não chocar-se com os seus preceitos, “transformar o outro em si”³⁵ e, também, identificar a natureza dos demais seres circundantes.

Em síntese, na identidade do duplo o que ressalta não é o homem formal, visível e perceptível: corpo, mente, psique e caráter, seus traços hereditários e os modificados.

O que significa no duplo é o homem transcendente. O homem atemporal. Nele se fundem os princípios inaugurais que imprimem sentido e força, direção e presença à linguagem. O verbo é a metáfora, o significado está no subjacente.

³¹ Princípio coletivo, imagem que representa uma potência, uma força da natureza, um símbolo social, um modelo de comportamento (cf. Augras, op. cit.).

³² Lèpine, “Análise formal do panteão negro”.

³³ Júlio Braga, “Ifá no Brasil”, *Revista das Ciências Humanas*, Salvador, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, v. 1, n° 1, pp. 113-122, 1980.

³⁴ Idem, *ibid*.

³⁵ Augras, op. cit.

A análise da identidade, tal como se a percebe nas comunidades nagô, presenciam-se e vivem-se processos de alta complexidade, onde a história mítica (deuses), história ancestral (antepassados) e a história presente (transições referidas ao *ethos* atual) se misturam, se mesclam, se fundem no indivíduo e no seu microcosmo aglutinador.

Finalizando, cabe considerar que apenas a matemática pode ser considerada de tal sorte objetiva que à sua verdade é permitido residir fora da mente, independentemente do homem.

No sentido social, a demarcação exata é tanto impraticável quanto indesejável: o erro é um elemento em si deturpador e necessário. Nos processos de ensaio e erro, prenunciam-se os passos subsequentes e isso é a essência do processo de pesquisa. A ausência de variáveis e algumas inexatidões implicaria em uma sucessão de momentos estáticos, na parada, na inutilidade, na estagnação.

Dobalê, Ogarajú.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. "Neuropsicologia do desenvolvimento". Congresso Brasileiro de Neuro-psiquiatria Infantil, 5, Salvador, ABENEPI, 1979.
- ALLPORT, G.W. *Psicologia de la personalidad*. Tradução castelhana de Miguel Murmis. 2ª ed., Buenos Aires, Paidós, 1965.
- BONOW, I.W. *Elementos de psicología*. 6ª ed., São Paulo, Melhoramentos, 1954.
- BRAGA, J.S. "Ifá no Brasil", *Revista das Ciências Humanas*, Salvador, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, v. 1, nº 1, pp. 113-122, 1980.
- BURTON, A. *Teorias operacionais da personalidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.
- DEMO, P. *Metodologia científica em Ciências Sociais*. São Paulo, Atlas, 1981.
- DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Psicolingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- FORDHAM, F. *Introducción a la psicología de Jung*. Madrid, Morata, 1970.
- GUILLFORD, J.P. *Personality*. New York, McGraw-Hill, 1959.
- JAPIASSU, H. & DAMASCENO, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.
- JUNG, C.G. *Collected works*. Londres, Routledge & Keegan Paul, vols. 11 (1958), 12 (1944), 13 (1967), 14 (1967) e 15 (1963).
- LÊPINE, C. "Os estereótipos da personalidade no candomblé nagô", em: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (coord.), *Olóorisá; escritos sobre a religião dos orixás*. São Paulo, Ágora, 1981.
- . "Análise formal do panteão nagô", em: Carlos Eugênio Marcondes de Moura (coord.), *Bandeira de Alairá; outros escritos sobre a religião dos orixás..* São Paulo Nobel, 1982.

- LUZ, M.A., "Arkhé e Axexé; linguagem e identidade", em: *Cultura negra em tempos pós-modernos*. Salvador, Edições SECNEB, 1992.
- NINA RODRIGUES, R. *Os africanos no Brasil*. 4ª ed., Rio de Janeiro, INL / São Paulo, Nacional, 1976.
- NUTTIN, J. *A estrutura da personalidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- PESSOA DE CASTRO, Y. *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia*. Salvador, Centro de Estudos Baianos da UFBA, n. 89, 1980.
- PRINCE, M. *The unconscious*. 2ª ed., New York, Mac Millan, 1924.
- SANTOS, J.E. *Os nagô e a morte*. Petrópolis, Vozes, 1976.
- SPEARMAN, C., *Human ability*. London, Mac Millan, 1950.
- THURSTONE, L.L. *Multiple factor analysis*. Chicago, Chicago University Press, 1947.
- YELA, M. *L'analyse factorielle et ses applications*. Paris, Centre National de Recherche Scientifique, 1955.
- . "Modelos factoriales de la personalidad", em: Daniel Lagache et alii, *Los modelos de la personalidad*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1978.